

USO DO SOLO

As remoções planejadas pelo Governo do Distrito Federal são insuficientes para conter a chegada de invasores. A maioria vem do interior do Nordeste e se instala de Brazlândia a Taguatinga, passando por outras cidades

Cem novos barracos em 15 dias

Marcelo Abreu

Da equipe do Correio

Eles voltaram. Na verdade, nunca foram embora. E pipocam pelos quatro cantos da cidade. De Brazlândia a Taguatinga, passando pelo Guará até Sobradinho os barracos que dão vida às invasões mostram, de novo, sua cara. De lona rasgada, de papelão, de madeirite. Não importa como. E assim, sem a menor cerimônia, eles invadem a cidade. Tirá-los de onde estão é a grande batalha do governo. Batalha que parece não ter fim. E, se lembrar não custa nada, a famosa Invasão da Estrutural — hoje uma cidade (até luz elétrica tem, com o aval desse mesmo governo que tenta retirar invasor) — surgiu assim. Com apenas poucos barraquinhos de madeirite. Hoje, é o que é: há 5 mil famílias ali.

Na quinta-feira, o **Correio** percorreu os pontos críticos do Distrito Federal — sabidamente conhecidos territórios de invasores — e encontrou barracos sendo erguidos, outros reformados e ainda, em mais uma tentativa, o governo tentando retirar invasor.

Nos últimos 15 dias, pelo menos 100 novos barracos surgiram no DF. Em Taguatinga, no Parque Saburo Onoyama — lugar de preservação ambiental e

Beto Barata



NOS BARRACOS NO SETOR DE ARMAZENAGEM NORTE CRIANÇAS VIVEM SEM A MÍNIMA CONDIÇÃO DE HIGIENE

onde o governo retirou há dois meses cerca de 500 barracos — no início da tarde quinta-feira, 20 fiscais derrubaram oito novos barracos.

Os invasores chegaram ali há pelo menos uma semana. A cena é a mesma: invasor gritando que têm direito a lote, que mora

em Brasília há décadas e que dali não sai. Os tratores do governo não querem saber. Em segundos, derrubam tudo. Depois do estrago, o choro e a raiva que explode em palavrão. “Vou juntar tudo e fazer de novo”, bradou a doméstica Rosimeire Batista dos Santos, de 30 anos. O barra-

co dela foi pelos ares em cinco minutos.

“A gente tem direito de ficar aqui. Só saio morto. Pra albergue não vou de jeito nenhum”, grita o desempregado Joilson Pereira da Silva, de 42 anos. Em cima de um caminhão, o pouco que Rosimeire e Joilson têm —

colchão, panelas e um sofá azul rasgado — foi despejado. Dali, seguiu para o depósito do governo. “Se eles quiserem, o governo lhes abrigará no albergue”, explica Marcelo Monteiro, da diretoria de fiscalização da Administração.

Saindo do Parque Saburo Onoyama, na QS 11, ainda em Taguatinga, os invasores fizeram a festa. No início do mês, o governo retirou 40 barracos que haviam ali. Na semana passada, voltaram todos. E mais alguns. “Agora devem ter pelo menos uns 60”, calcula Marcelo Monteiro. E admite: “Eles surgem da noite pro dia. É difícil controlar invasor”.

Até o chefe de Operações do Sistema de Vigilância Integrada do Solo (SivSolo), Major Esmeraldo Oliveira, não consegue responder quando a guerra contra as invasões terá fim: “Esse é o chamado crime continuado. Se vislumbrássemos o fim, entraríamos com uma superação para acabar com as invasões de uma só vez. Só que a solução é difícil. As pessoas migram, têm o direito de ir e vir.”

REDUTO CEARENSE

Na Invasão da Estrutural, nos novos barracos — mais de 30 — estão quase invadindo a pista — sentido Cruzeiro-Ceilândia. Ali, ninguém

fala. E quando se toca no nome invasão, um homem mais exaltado aparece para defender o lugar que se tornou o símbolo maior dos invasores no DF. “Aqui não é invasão. A gente mora numa vila”. Questão de semântica.

Longe da Estrutural, no Setor de Armazenagem e Abastecimento Norte (SAAN), próximo à Rodoferroviária, o lugar é de cearense. E a maioria é da cidade de Iguatu. Veio um, que trouxe o outro, que puxou o outro e assim foi. Há seis meses, chegaram as primeiras famílias. Hoje, mais de 100 moram na invasão.

O catador de papel Cícero Salustiano, de 28 anos, quatro filhos, fazia adaptações no seu barraco. “É que tá pequeno. A família cresceu”, explicava. Verdade. O que não falta ali é criança e mulher grávida.

Nos fundos do Parque Ecológico Norte) dez novos barracos de lona preta surgiram nos últimos quatro dias. Maria Bezerra, piauiense de 45 anos, é dona de um deles. Ela diz que mora em Brasília há 7 anos. “Meu marido tinha um barraco na invasão perto do Carrefour, mas o governo tirou a gente de lá. A gente vive da ajuda do pessoal que passa por aqui”, diz. Ir embora? “Só se o governo arrumar passagem pra gente.”